

Mazzari, M. V. – Fausto e a Apreensão

Fausto e a Apreensão

Marcus Mazzari¹

Titel: Faust und die Sorge

Title: Faust and the Care

Palavras-chave: *Fausto* de Goethe – Hermenêutica – Estética da Recepção

Schlüsselwörter: Goethes *Faust* – Hermeneutik – Rezeptionsästhetik

Key-words: Goethe's *Faust* – Hermeneutics – Reader-response criticism

Do ponto de vista hermenêutico, a cena “Meia-noite”, no quinto ato do *Fausto II*, pode ser considerada a mais significativa de toda a tragédia. Goethe configura então o embate entre o Colonizador centenário, ainda associado a Mefistófeles, e a figura da Apreensão, que se evola com suas três irmãs “grisalhas” (Penúria, Insolvência, Privação) do incêndio que destrói o pequeno mundo de Filemon e Baucis. As diferentes interpretações dessa cena trazem à lembrança um princípio fundamental da Estética da Recepção, que segundo seu fundador Hans Robert Jauß (1921 – 1997) foi formulado de maneira precursora por Tomás de Aquino na *Suma Teológica: quidquid recipitur ad modum recipientis recipitur* – em tradução algo livre, tudo o que é recebido, é recebido ao modo do receptor.

Diferentes leitores, portanto, diferentes modos de recepção. Cinco exemplos são apresentados abaixo de modo meramente sumário.

Konrad Burdach e Martin Heidegger

¹ Professor de Teoria Literária e Literatura Comparada (FFLCH – USP). Email: mazzari@usp.br

Mazzari, M. V. – Fausto e a Apreensão

Numa interpretação ampla e erudita do embate entre Fausto e a Apreensão (*Faust und die Sorge*, 1923), Konrad Burdach chega à conclusão de que Fausto sai vitorioso desse episódio e, portanto, supera a cegueira na medida em que converte o poder destrutivo da Apreensão (*Sorge*) em “preocupação assistencial” (*Fürsorge*) com os outros, ou seja, em “cuidado” devotado aos habitantes das terras que estão sendo conquistadas ao mar. E no final do ensaio Burdach atribui ao sentimento de solidariedade que, em sua leitura, apodera-se do herói goethiano um elemento feminino, que entraria novamente em ação na cena final “Fornas montanhosas”, quando a ascensão da entelúquia de Fausto é envolvida pelos cuidados de Gretchen e da *Mater Gloriosa*: “E nessa preocupação assistencial (*Fürsorge*) encerra-se aquele segredo que o *Chorus mysticus* anuncia como derradeira palavra na vida de Goethe: ‘O Eterno-feminino nos alça para cima’”.

Essa exegese é incorporada por Martin Heidegger ao 6º capítulo (parágrafo 41) de sua obra magna *Sein und Zeit*. O principal empréstimo heideggeriano junto a Burdach consiste numa fábula atribuída a Higino (cerca 64 a. C. – 17 d. C.), conforme vem expresso nas palavras: “O autor deparou-se com o seguinte testemunho pré-ontológico para a interpretação existencial-ontológica do Ser-aí como Apreensão mediante o ensaio de K. Burdach”. Heidegger reproduz então, em latim e na tradução de Burdach, a fábula de Higino que ilustra a disposição fundamental do Ser-aí humano enquanto apreensão (na tradução que se segue procuro manter a oscilação nos tempos verbais):

Quando certa vez a ‘Apreensão’ atravessava um rio, viu uma placa de terra argilosa: pensativa, tomou um pedaço e começou a moldá-lo. Enquanto vai pensando consigo sobre o que criara, chega Júpiter. A ‘Apreensão’ pede-lhe que insuffle espírito ao pedaço de argila moldada. Júpiter atende-lhe de bom grado o pedido. Mas quando ela quis atribuir seu nome à figura, Júpiter proibiu tal coisa e exigiu que lhe fosse dado seu nome. Enquanto a ‘Apreensão’ e Júpiter contendiam em torno do nome, levantou-se também a Terra (*Tellus*) e exprimiu o desejo de que fosse atribuído à figura o seu nome, já que ela lhe ofertara um pedaço de seu corpo. Os litigantes tomaram Saturno por árbitro. E Saturno lhes proferiu a seguinte decisão, aparentemente justa: ‘tu, Júpiter, por teres dado o espírito, deves à sua morte receber o espírito; tu, Terra, por teres ofertado o corpo, deves receber o corpo. Mas por ter sido a ‘Apreensão’ quem primeiro formou este ser, que então a ‘Apreensão’ o possua enquanto ele viver. Mas como há disputa em torno do nome, que ele se chame ‘homo’, já que foi feito de *humus* (terra). (BURDACH, 1923: 41 – 42)

Georg Lukács e a interpretação marxista

Para o marxista Georg Lukács, a Apreensão seria a encarnação do pessimismo histórico e da irrealizabilidade das aspirações humanas, devendo ser entendida como emissária de Mefistófeles, que por sua vez representaria as forças capitalistas. Uma vez que Lukács nos apresenta, em seus *Faust-Studien* redigidos em 1940, o paradigma da chamada interpretação “perfectibilista”, conclui-se forçosamente que a decisão fáustica de resistir à terrível potência da adversária que tem pela frente (e que o irá cegar) indiciaria um avanço decisivo em seu processo de formação e desenvolvimento: “Mas teu poder, tão tredo quão tirano, / Não vou jamais, ó Apreensão, reconhecê-lo” (versos 11.493 – 94). Mediante esse embate com a figura alegórica da Apreensão, Goethe teria encaminhado seu herói no rumo de concepções socialistas prestes a despontar no horizonte histórico com o advento do marxismo. Com isso o pensamento burguês das primeiras décadas do século XIX teria sido impulsionado ao limite, num processo que Lukács vislumbra igualmente na filosofia hegeliana – “apenas aos socialistas utópicos, como Fourier, foi possível um posicionamento mais avançado em relação às contradições da era pré-socialista, em particular quanto às contradições do capitalismo”.

Frank Nager e a interpretação psiquiátrica

Passemos agora a uma recepção da cena “Meia-noite” do ponto de vista da psiquiatria, em consonância com a especialidade do receptor Frank Nager, professor de medicina em Zurique e médico-chefe no hospital cantonal de Lucerna. Em seu estudo de 1990 *Der heilkundige Dichter. Goethe und die Medizin* [O poeta terapêutico. Goethe e a medicina], Nager elenca na fala da Apreensão quinze sintomas do estado depressivo, como costumam ser descritos em tratados de psiquiatria contemporâneos:

Aqui se encontram todos os sintomas clínicos clássicos que caracterizam o estado psíquico depressivo: obscurecimento de ânimo e visão pessimista, pensamento destrutivo e negativo, incapacidade de cumprir mesmo as menores

Mazzari, M. V. – Fausto e a Apreensão

obrigações do cotidiano, paralisia da mente, indolência interior e exterior, fixação neurótica, lentidão de todas as funções, excesso de cerimônias, indecisão paralisante, ações cumpridas pela metade, incapacidade de enfrentar o momento presente, achaques colaterais, distúrbios de sono, irradiação negativa sobre as outras pessoas. (NAGER, 1990: 143)

Na sinistra figura que consegue penetrar no palácio de um rico, Goethe teria representado a depressão de maneira tão precisa, propõe o autor, como só o poderia fazer uma pessoa que conhecesse a fundo essa doença. Mas a interpretação de Nager, como a de Lukács e a de Burdach, desenvolve-se em chave “perfectibilista”, já que no final se aponta para uma efetiva vitória de Fausto sobre a depressão: “A vista íntima se levanta, desperta uma compreensão mais profunda. A catástrofe do engeguecimento externo comuta-se enantiotropicamente em gratificante visão futura – num momento que ele gostaria por fim de preservar para sempre”.

Binswanger e a interpretação econômica

Em seu livro *Dinheiro e Magia*, o economista Hans Christoph Binswanger faz uma leitura do *Fausto* à luz da economia moderna, ou inversamente, como diz o subtítulo: *Uma crítica da economia moderna à luz do Fausto de Goethe*. Essa perspectiva tem evidentemente implicações para o entendimento da figura da Apreensão, vista como a preocupação que jamais abandona os grandes investidores, o que constitui componente intrínseco ao sistema econômico moderno. À medida que a riqueza do investidor cresce, crescem também as preocupações, como ilustrariam os versos (11.453 e seguintes):

Quem possui é meu a fundo,
 Lucro algum lhe outorga o mundo,
 Ronda-o treva permanente,
 Não vê sol nascente ou poente;
 [...]
 E com ricos bens em mão,
 Não lhes frui a possessão.
 Torna em cisma azar, ventura,
 Morre à míngua na fartura [...].

Mazzari, M. V. – Fausto e a Apreensão

No comentário de Binswanger:

Como a produção não é feita por encomenda, como outrora, mas para o mercado — isto é, para o consumidor desconhecido —, o fabricante só sabe *depois* da produção se pode vender as mercadorias que manufacturou por preços que cubram os custos; associada a toda produção, portanto, há uma inquietação acerca das vendas *futuras*. [...]

O valor real do capital [investido] é o valor atual de lucros *futuros*. Se não houver nenhum lucro, praticamente *todo* o capital se perde. Mas quem pode saber hoje, ao investir capital, quais serão seus rendimentos e, portanto, seus lucros amanhã, depois de amanhã e assim por diante? O investidor é atormentado pela apreensão com o desenvolvimento futuro da economia [...], sente-se permanentemente ameaçado por notícias de desastre. Fausto, agora um grande investidor, conhece bem essa sensação. Cheio de ansiedade, ele diz: “Um pássaro grasna; o que grasna ele? Desgraça”. (BINSWANGER 2010: 63)

A cena “Meia-noite” mostraria que riqueza crescente, longe de eliminar a Apreensão, na verdade a atraia: “E com ricos bens em mão, / Não lhes frui a possessão. / Torna em cisma azar, ventura, / Morre à míngua na fatura” (v. 11.459 – 60).

“Para evitar entregar-se à Apreensão”, prossegue Binswanger com o apoio dessa alegoria goethiana, “o investidor é obrigado a investir continuamente para assegurar novos lucros que são em seguida reinvestidos. Mas isso só cria ainda mais apreensões, que se propagam por si mesmas, por assim dizer”.

Albrecht Schöne e uma carta goethiana

Por fim a interpretação psicológica que Albrecht Schöne esboça no 8º capítulo de seu livro de 2015 *Der Briefschreiber Goethe* [O escritor de cartas Goethe]. Enfoca-se então a carta de condolências que Goethe, a menos de três meses da própria morte, envia ao filho do químico e físico Thomas Johann Seebeck (1770 – 1831). Nas palavras dessa carta estão condensados, observa Schöne, “vinte e oito anos de uma relação sumamente significativa para o estudioso da natureza Goethe, de cooperação e amizade, de uma profunda decepção, mágoa e, por fim, estranhamento”.

Ao analisar o trecho da carta em que Goethe fala de um “silêncio” (*ein Schweigen*) que se insinuou em sua relação com Seebeck, que se iniciara e por muitos anos se

Mazzari, M. V. – Fausto e a Apreensão

desenrolou de maneira tão fecunda, seguido então de um “emudecer” (*ein Verstummen*), “mal-estar” e, por fim, de uma espécie de “desamparo”, Schöne vislumbra na opção goethiana pelo modo nominal a intenção de conferir autonomia a esses “maus espíritos” – silêncio, emudecer, mal-estar, desamparo – que, gerados no íntimo dos amigos, interpõem entre eles o estranhamento – da mesma maneira como a Apreensão e suas irmãs adquirem autonomia, depreendem-se do íntimo de Fausto e agem como entidades independentes. Eis um trecho da magistral abordagem estilística que Schöne faz dessa carta (também comentada por Walter Benjamin em sua antologia epistolográfica *Deutsche Menschen*):

Um *silêncio* se insinua – *emudecer* sobrevém – *mal-estar* se produz: o processo de estranhamento entre os dois amigos, estendendo-se por anos, é condensado em três etapas, o elemento específico é generalizado. E reconhece-se nisso algo praticamente inevitável, imperioso. Pois não se diz: ‘Quando amigos distantes primeiramente silenciam, depois emudecem por completo, por fim se mostram indispostos um com o outro’, mas sim: ‘Quando primeiro um silêncio *se insinua*, tão logo um emudecer sobrevém e disso *se produz* um mal-estar’. O comportamento dos amigos que vão se alienando entre si é conduzido do modo verbal ao nominal e, com isso, subtraído à competência e responsabilidade dos mesmos. O próprio *silêncio*, o *emudecer*, o *mal-estar* são dotados de personalidade e autonomia – do mesmo modo como, ao final desse trecho da carta *todos os maus espíritos da desconfiança* irão surgir pessoalmente – ou, no último ato da tragédia *Fausto*, as ‘quatro mulheres grisalhas’: Penúria e Insolvência, Privação e Apreensão. (SCHÖNE 2015: 351)

Conforme postulado na abertura desta exposição, a cena “Meia-noite” pode ser considerada da perspectiva do círculo hermenêutico como a mais profícua da tragédia. Pois em consonância com a congruência de sentido entre o todo e as partes, o leitor que – como Burdach, Lukács ou ainda outros marxistas – enxergar na longa trajetória fáustica um aperfeiçoamento ético assim como a conquista de concepções crescentemente comprometidas com a solidariedade humana e o trabalho livre, no âmbito de um autêntico processo de desenvolvimento – tenderá a ver nessa cena particular uma vitória efetiva do protagonista sobre a Apreensão, o que constituiria seu triunfo mais grandioso.

Mas esse caráter de “dobradiça hermenêutica” valerá também para os leitores que se situam no polo oposto ao da *perfectibilité*, pois a estes o confronto de Fausto com

Mazzari, M. V. – Fausto e a Apreensão

a Apreensão apenas acrescenta novo equívoco a uma trajetória marcada por sucessivos desastres, deixando atrás de si um rastro de sofrimentos e mortes. Assim, se para os primeiros (os perfectibilistas) seria plenamente procedente a pretensão fáustica de jamais ter “enxergado” com tanta lucidez como após ter sido cegado pela Apreensão (“A noite cai mais fundamente fundo, / Mas no íntimo me fulge ardente luz”), para os outros leitores Fausto atinge, no embate com a Apreensão, o paroxismo dos equívocos, enganos e ilusões que marcaram sua carreira, podendo-se dizer que nunca antes as trevas se apoderaram com tanta intensidade de seu íntimo como nessa cena.

Quidquid recipitur ad modum recipientis recipitur: as diferentes interpretações da disputa entre Fausto e a Apreensão mostram assim que são sempre os leitores que insuflam vida aos grandes textos ao impregnar as imagens que se desdobram perante seus olhos com as próprias concepções e experiências de vida, as quais ganham por seu turno ampla validade humana por meio do confronto com os textos. Tomo essa constatação final ao ensaio “O Fausto cego”, de Eberhard Lämmert (1924 – 2015), para quem obras concebidas para serem significativas e multifacetadas devem ser também “imagens especulares de nossa própria vida”. E, na sequência: “Goethe foi um mestre dessa técnica de espelhamento e seu *Fausto* é possivelmente a maior e mais multifacetada galeria de espelhos das relações humanas – mesmo naqueles desvãos ou recantos textuais que a princípio não parecem significativos”.

Referências bibliográficas

- BINSWANGER, Hans Christoph. *Geld und Magie. Eine ökonomische Deutung von Goethes Faust*. 2. ed. Hamburg: Murmann Verlag, 2009 (1. ed. 1985).
- BURDACH, Konrad. Faust und die Sorge. In: *Vierteljahrschrift für Literaturwissenschaft und Geistesgeschichte* 1. (1923).
- HEIDEGGER, Martin. *Sein und Zeit*. 19.ed. Berlin: Walter de Gruyter, 2006 (1. ed. 1927).
- JAUSS, Hans Robert. Die Theorie der Rezeption – Rückschau auf ihre unerkannte Vorgeschichte. Abschiedsvorlesung von Hans Robert Jauß am 11. Februar 1987 anlässlich seiner Emeritierung. Konstanz: Universitätsverlag, 1987.

Mazzari, M. V. – Fausto e a Apreensão

LÄMMERT, Eberhard. Der blinde Faust. In: *Bejahende Erkenntnis* (Festschrift für Terence J. Reed zu seiner Emeritierung am 30. September 2004). Tübingen: Niemeyer, 2004.

LUKÁCS, Georg. Faust-Studien. In: *Goethe und seine Zeit*. Berlin: Aufbau-Verlag, 1953.

NAGER, Frank. *Der heilkundige Dichter. Goethe und die Medizin*. Zürich und München: Artemis Verlag, 1990.

SCHÖNE, Albrecht. *Der Briefschreiber Goethe*. München: C. H. Beck, 2015.